



RESTOS E DOBRAS. PERMANÊNCIA E(M) CRISE DA CRÍTICA (NA) PÓS- COLONIAL(IDADE)

REMAINS AND TURNS. ENDURING CRISES OF THE
POSTCOLONIAL CRITIQUE

RESTOS Y PLIEGUES. PERMANENCIA E(N) CRISIS DE LA
CRÍTICA (EN LA) POSTCOLONIAL(IDAD)

Elena Brugioni¹

RESUMO:

A partir do debate em torno da *morte do pós-colonial*, este ensaio pretende refletir em torno de impasses e potencialidades do pós-colonial como *gesto* crítico capaz de renovar os sentidos da representação literária na contemporaneidade, por via da sua inevitável e constante crise teórica, conceitualmente situada na dimensão do *resto* e da *dobra*.

PALAVRAS-CHAVE: dobras; viragens; restos; crítica pós-colonial; Literaturas Africanas.

Pós-colonial designa uma situação que é de facto a de todos nós contemporâneos. Estamos todos, de forma diferente, numa situação pós-colonial.

George Balandier

Apesar da aparente crise que atravessa, já desde algum tempo o campo de já ampla dilatação disciplinar que corresponde à designação — produtivamente *equivoca* — de *teoria pós-colonial*, o pós-colonial inevitavelmente permanece. É com esta conclusão que o célebre teórico Robert J. C. Young, num artigo publicado na revista *New Literary History* (YOUNG, 2012) — e que virá a suscitar um intenso debate ² — responde às declarações de morte da teoria pós-colonial que surgem dos diversos lados do Atlântico (YOUNG, 2012, p. 19), individuando na necessidade de destituição deste campo teórico o indício inequívoco da sua inevitável persistência. Através de uma reflexão construída em torno de um recurso conceitual de indubitável interesse

¹ Professora de Literaturas Africanas e Estudos Pós-coloniais da Universidade Estadual de Campinas, Pesquisadora Responsável do Projeto de Pesquisa FAPESP “A Estética do Índico. ‘Geografias Transnacionais do Imaginário’ em narrativas visuais e literárias na(s) África(s) contemporânea(s)” (Ref. 2016/2698-5) E-mail: elena@iel.unicamp.br

² Veja-se a este propósito as respostas de Benita Parry, Ato Quayson, Simon During, Robert Stam e Ella Shohat publicadas na revista *New Literary History*, v. 43, n. 2, 2012.

crítico — *Postcolonial Remains*³ — a reflexão desenvolvida por Young toma em consideração alguns dos argumentos que pautam a crítica contemporânea à teoria pós-colonial, definindo a persistência do pós-colonial como irremediavelmente associada aos desafios de contemporaneidade em escala global.

The postcolonial will remain and persist, whether or not it continues to find a place in the U.S. academy, just as it did not need academia to come into existence. Postcolonial theory came from outside the United States, and has never involved a singular theoretical formation, but rather an interrelated set of critical and counterintuitive perspectives, a complex network of paronymous concepts and heterogeneous practices that have been developed out of traditions of resistance to a global historical trajectory of imperialism and colonialism. If anti- and postcolonial knowledge formations were generated by such circumstances, peripheral as they may seem to some metropolitan intellectuals, now, as in the past, the only criterion that would determine whether “postcolonial theory” has ended is whether, economic booms of the so-called “emerging markets” notwithstanding, imperialism and colonialism in all their different forms have ceased to exist in the world, whether there is no longer domination by nondemocratic forces (often exercised by military power, or a refusal to acknowledge the sovereignty of non-Western countries, and whether peoples or cultures still suffer from the **long-lingering aftereffects of imperial, colonial, and neocolonial rule, albeit in contemporary forms such as economic globalization.** (YOUNG, 2012: 20; grifo meu)

Por outras palavras, só o fim das desiguais forças que marcam as relações de poder na hodierna ordem mundial — parafraseando Homi Bhabha (1994) — determinaria, em rigor, o fim da teoria pós-colonial que, tendo em conta os desafios da contemporaneidade, continua a representar um aparato teórico indispensável para dar conta e interrogar dinâmicas de poder que pautam as relações culturais e políticas da contemporaneidade. A ênfase é posta por Young no conceito de pós-colonial como fenómeno rizomático de longa duração, afastando-se de uma demarcação temporal *strictu sensu* — o depois da colonização — ou epistemológica — a dilatação crítica de matriz pós-estruturalista — e apontando para desdobramentos silenciosos, residuais e (inter)ditos que marcam os novos desafios do espaço-tempo da contemporaneidade, todavia assombrada por *restos* e *rastos* da (pós)colonialidade e do(s) império(s). Neste sentido, afirma Young:

[...] the issue is rather to locate the hidden rhizomes of colonialism’s historical reach, of what **remains invisible, unseen, silent, or unspoken.** In a sense, postcolonialism has always been about the **ongoing life of residues, living remains, lingering legacies** [...] Something remains, and the postcolonial is in many ways about such unfinished business, the continuing projection of past conflicts into the experience of the present, the insistent persistence of the afterimages of historical memory that drive the desire to transform the present. (YOUNG, 2012, p. 21; grifos meus)

A este propósito, impossível não pensar na qualidade das relações mantidas pelos velhos impérios europeus com os seus antigos territórios além mar e de como estes posicionamentos e ideologias permeiam o campo da acção política e mesmo a crítica da contemporaneidade. Em jeito de exemplo, pense-se na constante *projeção de conflitos passados* que pauta as relações — políticas, económicas e culturais — entre Angola e Portugal ou ainda nas *persistências históricas* que definem a política francesa no continente africano, a tão célebre e problemática *France-Afrique*. Extravasando âmbitos de natureza meramente diplomática e política, a (pós)colonialidade destas relações permeia — isto é, *molda* — campos do saber, disciplinas e abordagem críticas — ideologias e visões — afundando suas raízes no tecido institucional e simbólico das nações pós-coloniais e tornando, deste modo, ainda mais evidentemente perigosa a necessidade de demissão da teoria pós-colonial que vem sendo proclamada em várias latitudes institucionais e campos dis-

3 Refiro-me ao artigo de Ato Quayson “The Sighs of History: Postcolonial Debris and the Question of (Literary) History” (QUAYSON, 2012, p. 359-370).



ciplinares. Aliás, tendo em conta o persistir, ou melhor, as *transformações recursivas* — apontando para a teorização sobre “durabilidade imperial” formulada por Ann Laura Stoler (2016) — de *situações e relações* que apontam para uma multiplicidade de dinâmicas de ordem (pós-)colonial, suscitando práticas heterógenas de resistências, oposição e descolonização —, o *gesto crítico pós-colonial* torna-se cada vez mais pertinente e necessário, e não apenas para responder aos novos regimes de exclusão no campo cultural bem como político, mas também para que “vigilância e autocrítica” (SAID, 1993) operem sobre os desdobramentos dogmáticos e essencialistas que ameaçam a crítica como prática de intervenção, oposição e resistência.⁴ No entanto, tal como afirma Robert Young em seu artigo, surge aqui uma primeira questão: “porque o pós-colonial continua incomodando tanto?” (2012, p.19).

A este propósito merece sublinhar que o permanecer da teoria pós-colonial não parece estar isento de problematizações e empasses, sobretudo no que diz respeito à sua capacidade de *pensar e agir* crítica e politicamente sobre a contemporaneidade. A partir da dimensão de filiação — ou não — com o marxismo e a crítica materialista (PARRY, 2015; LAZARUS & VARMA, 2008), até à sua participação nas dinâmicas neoliberais e do capitalismo global (AHMAD, 1992; CHIBBER, 2013) debates, questionamentos e impasses que marcam a crítica pós-colonial abarcam diversos desdobramentos teóricos e epistemológicos, configurando-se como “batalhas teóricas” (SANTOS, 2013) indiscerníveis da própria reflexão crítica do pensamento pós-colonial desde o seu começo, habitualmente situado na publicação do ensaio de Edward W. Said, *Orientalismo* (1979) a quem cabe não tanto a paternidade de um campo de estudo do qual ele próprio se distanciará em diversas ocasiões (SAID, 2004) mas sim uma reflexão crítica que interroga as sobreposições entre territórios do saber e do poder na construção de um discurso sobre o outro.

Na impossibilidade de dar conta aqui de um debate heterogéneo, vasto e teoricamente complexo, merece, no entanto, realçar o grande potencial autorreflexivo e meta-crítico que caracteriza a teorização pós-colonial contemporânea, mostrando como as práticas de *vigilância e autocrítica* representam âmbitos de reflexão matriciais do pensamento crítico pós-colonial e contribuindo, deste modo, para uma intensa e profunda (re)vitalização e (re)atualização da teoria como ferramenta para pensar e agir (n)o contemporâneo.⁵

No que concerne aquilo que vem sendo definido como *virada cultural* especialmente significativa para o campo disciplinar dos estudos literários pós-coloniais e sobretudo no âmbito da crítica às Literaturas Africanas que constitui o foco da reflexão que me proponho desenvolver neste ensaio, os recentes desdobramentos teóricos orientam-se para uma crítica profunda — ou melhor, refundadora — dos aparatos teóricos que configuram a afirmação institucional dos estudos pós-coloniais sobretudo nos anos ‘80 e ‘90. A “exorbitação do discurso” (PARRY, 1987) que caracteriza a reflexão pós-colonial de matriz pós-estruturalista constitui o eixo central do debate sobre a crise do pensamento pós-colonial que, por via sobretudo da virada desconstrucionista, perderia qualquer contacto com os contextos materiais sobre os quais pretende refletir, produzindo aparatos críticos que devido à elevada sofisticação conceitual deixariam de configurar a teoria como uma arma (CABRAL, 2008 [1966]) capaz de (cor)responder aos fenómenos de violência, ex-

4 “[...] vigilância e a autocrítica são fundamentais, pois existe um risco intrínseco ao trabalho de oposição de se institucionalizar, à marginalidade de se transformar em separatismo, à resistência de se enrijecer em dogma. [...] é preciso sempre manter a comunidade acima da coerção, a crítica acima da mera solidariedade, a vigilância acima da concordância”. (SAID, 1993, p. 103)

5 Podem ser encaradas nesta perspectiva, por exemplo, as respostas suscitadas pelo artigo de Young, onde a questão apontada, por exemplo por Benita Parry (2012) tem sobretudo a ver com as filiações e as genealogias críticas mais de que com a pertinência do pós-colonial propriamente dito. Leio da mesma forma os distanciamentos críticos e epistemológicos formulados, por exemplo, por Ella Shohat e Robert Stam (2012), bem como algumas das teorizações que marcam a chamada virada descolonial (GROSFOGUEL, 2008), onde mais de que uma demissão do pós-colonial parece se tratar de uma *virada* e de uma *adensamento* crítico, isto é, de um ponto de vista conceitual, de uma *dobra*.

clusão, desigualdade, e injustiça que pautam a contemporaneidade (pós)colonial. Coloca-se, neste sentido, a dimensão de um pós-colonial hegemônico e dicotômico e que se configura como categoria “reconciliatória” (DURING, 1998, p. 31) em vez de que um paradigma crítico e analítico anticolonial e emancipatório. A este propósito, na sua resposta ao artigo de Young, Benita Parry afirma:

Amongst these matters are the impact of capitalist intrusion on the socioeconomic forms and institutions of precolonial societies, the effects of combined and uneven development structurally, socially, and aesthetically on the making of the various forms of peripheral modernity, the transformation of indigenous inequalities into class relationships, the ideologies and aspirations of the anticolonial movements, the continuing dominion of metropolitan capitalism, the class structures and conflicts in postindependence nation-states, and the role of neoliberalism and native compradors in the retreats of postcolonial regimes. (PARRY, 2012, p. 344)

Para além disso, privilegiando objetos e representações diferenciais, os próprios estudos pós-coloniais teriam contribuído, de acordo com o que afirma Gayatri Spivak, para aquilo que é definido como processos de “comodificação das margens” (1991), onde a contiguidade que surge entre as representações que “incorporam a diferença” (AHMED, 2000) e as “instâncias de legitimação institucionais e dominantes” (SPIVAK, 1991) se torna o elemento chave para o aparecimento de uma crítica cultural e literária assombrada pelas práticas de *comodificação da diferença* em escala global (AHMED, 2000; AHMAD, 1995; HUGGAN, 2001; SPIVAK, 1999). A este propósito, as circunstâncias materiais de afirmação e legitimação de um determinado objecto cultural tornam-se factores incontornáveis para um discurso crítico em torno das dinâmicas de recepção e representação — literária, artística e cultural — que contém e apontam para uma *diferença* — estética e política —, desembocando, por vezes, naquilo que Graham Huggan define como “dilema do exótico pós-colonial” (2001). Aliás, a relação entre *paradigmas teóricos pós-colônias* e *alteridade* — *literária e cultural* — constitui uma das problemáticas principais sobretudo no que diz respeito às ambiguidades que marcam a relação entre Literaturas Africanas e Estudos Pós-coloniais Literários, apontando para uma problematização sobre a qual gostaria de me deter neste ensaio.

No que diz respeito à recepção crítica de autores e textos que se inscrevem no que vem habitualmente definido como Literaturas Africanas, o papel dos Estudos Pós-coloniais no que concerne à legitimação de autores cujas obras literárias parecem ilustrar problematizações e configurações identitárias de matriz, por assim dizer, *genuinamente pós-colonial* constitui um aspecto importante não apenas para refletir em torno do esvaziamento crítico e político que o pós-colonial como categoria nominal — ou melhor, como rótulo académico — pode determinar, mas também para abordar as *aproximações* — isto é, as ambiguidades — que este tipo de leitura determina no que diz respeito ao significado político e estético destas escritas. A este propósito, o caso sem dúvida mais paradigmático no campo das Literaturas Africanas será o do célebre romance do escritor nigeriano Chinua Achebe, *Things fall apart* (1958) cujas leituras etno-antropológicas de pendur pós-colonial constituem a marca da recepção crítica desta obra em escala global, apontando simultaneamente para um conjunto de problemáticas centrais no campo da crítica às Literaturas Africanas modernas e contemporâneas. No entanto, focando apenas as *contiguidades ambíguas* entre Estudos Pós-coloniais e Literaturas Africanas (BRUGIONI, 2013), o que se torna evidente são sobretudo as implicações críticas que o pós-colonial como instância de legitimação em escala global determina no que diz respeito às leituras críticas do romance de Achebe que vem sendo interpretado por um lado como repositório de dados antropológicos e etnográficos funcionais a outros campos do saber, e por outro, na perspectiva de um contra-narrativa africana ao discurso colonial europeu (HUGGAN, 2001; GARUBA, 2003). A este propósito, como salienta Harry Garuba no que concerne os processos de legitimação da comunidade interpretativa pós-colonial relativamente ao romance de Achebe:



Apart from simply being a literary text, it is made to bear the burden of providing documentary evidence for anthropological studies and sociological speculations, corralled to perform other functions in histories of colonialism and decolonization and, in general, being made the representative text of the African response to European colonialism and modernity. Being overburdened with so large a freight of functions and thus critically reconstituted as the representative countercanonical text results in an “unarticulated stigmatization” that, in this case, often delegitimizes other avenues of inquiry beyond those consecrated in the counterdiscursive agenda. (GARUBA, 2003, p. 146)

Sublinhando a dinâmica de “estigmatização não-articulada” (HASSAN, 2000) que caracteriza a recepção do romance, Garuba salienta como os processos de recepção pós-colonial tenham contribuído para privilegiar e legitimar determinadas leituras da obra de Achebe — sobretudo através de categorias conceptuais como tradição *vs* modernidade, escrita *vs* oralidade, África *vs* Europa — que no entanto parece proporcionar itinerários críticos e logo aparatos conceituais mais complexos nomeadamente que diz respeito a uma crítica à sociedade africana pré-colonial, apontando simultaneamente para complexidades estéticas e leituras políticas ulteriores, não necessariamente promovidas ou aprofundadamente analisadas pela vulgata pós-colonial:

I want to suggest [...] that the “unarticulated stigmatization” of *Things Fall Apart* operates by silencing or repressing its critique of African precolonial society and culture and concentrating solely on its affirmative, celebratory presentation and its discursive contestation with the West. In short, its critique of colonialism has become so hegemonic that it has virtually shut off inquiries into its other major preoccupation with the flaws and fault lines of traditional African culture and society. (GARUBA, 2003, p. 146)

A questão salientada por Garuba aponta para uma dimensão central da discussão em torno dos paradigmas e do gesto crítico pós-colonial, evidenciando uma dimensão crítica que caracteriza o romance e que não poderá ser lido apenas como *resposta autenticamente africana* ao discurso colonial — aquilo que no mundo anglófono tem vindo a consolidar-se como *empire writes back* — mas como uma representação que interroga as especificidades do contexto material em que se inscreve, apresentando uma reflexão que vai para além da relação entre a chamada “tradições africanas” e o “discurso eurocêntrico”, apresentando um conjunto de problematizações que dizem respeito à dimensão comunitária e identitária do contexto em que o romance se situa e das transformações e dos desafios que a figura de Okonkwo, herói protagonista do romance de Achebe, representa num plano crítico e conceitual. Aliás, de acordo com a leitura proposta por Abiola Irele (2001), a personagem do Okonkwo de *Things Fall Apart* é a figuração exemplar de uma “historicidade africana” (IRELE, 2001, p. 120) cujos significados num plano estético e crítico não podem ser apenas encarados numa lógica de oposição entre sociedade tradicional e modernidade colonial. Relativamente, por exemplo, ao conceito de tradição, central nas leituras pós-coloniais ao texto, Irele afirma:

Tradition has become problematic in a strictly philosophical sense; it has come to be deprived of its axiomatic and normative significance and has been made answerable, therefore, to a new effort of redefinition. It has thus become the subject of a lively and even intense controversy, calling forth various and contradictory responses. (IRELE, 2001, p. 62)

Em suma, o que se torna evidente é a necessidade de ultrapassar uma abordagem marcada por uma visão parcelar — isto é, ideológica — do texto onde são privilegiadas constelações conceituais que só superficialmente se inscrevem no *gesto crítico pós-colonial* por via de recursos a categorias de análise que esvaziadas de um potencial político e epistemológico privilegiam uma leitura do romance como *inversão da situação colonial*, descurando a complexificação situada que o romance propõe no que diz respeito às especificidades sociais,

políticas e culturais em que a situação colonial se realiza, um *mundo* cuja definição de tradicional ocorre para satisfazer as demandas de *autenticidade* que o olhar crítico eurocêntrico procura nas representações por assim dizer *periféricas*, e que, por outro lado, se configura como um mundo que incorpora, parafraseando Homi Bhabha, a energia inquieta e (re)visionária da transformação, cujos significados críticos e estéticos “tornam o presente num lugar expandido e ex-cêntrico de experiência e poder” (BHABHA, 1994).

Por outras palavras, coloca-se aqui a problemática da dimensão histórica e espacial, e logo de uma visão que pressupõe uma *historicidade situada* não observável por via de uma temporalização dicotômica — antes e depois da colonização —, mas sim forçosamente relacionada com “transformações recursivas” (STOLER, 2014) que envolvem contextos e sujeitos de que o (pós)colonial deveria, em rigor, dar conta, apontando para uma configuração conceitual que mais de que no *resto*, situa-se na dimensão teórica da *dobra* (DELEUZE & GUATTARI, 2006 e 1996). Aliás, de um ponto de vista crítico e conceitual o que o romance de Chinua Achebe em rigor propõe é não tanto o *retorno do nativo*, mas sim uma torção — the *turn of the native* — (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 88-89), isto é uma *virada* (idem) que se prende, no caso específico desta reflexão, com aquilo que vem sendo problemática e habitualmente definido como o *tradicional* da África pré-colonial. Em suma, uma (re)configuração filosófica e epistemológica da *tradição* como conceito histórica e espacialmente situado cuja (re)significação contribui para o (re)posicionamento da experiência africana para além de uma mera resposta ao discurso colonial eurocêntrico e fora de qualquer teologia crítica do retorno às origens (MUDIMBE, 1989). Numa perspectiva crítica e conceitual mais abrangente, tal como evidencia Eduardo Viveiros de Castro:

Não se trata, como lembrou oportunamente Derrida (2006) de pregar abolição da fronteira que une-separa “linguagens” e “mundo”, “pessoas” e “coisas”, “nós” e “eles”, “humanos” e “não-humanos” — as facilidades reducionistas e os monismos de bolso estão tão fora de questão quanto as fantasias fusionais —; mas sim de “irreduzir” e “imprecisar” essa fronteira, contorcendo sua linha divisória (suas sucessivas linhas divisórias paralelas) em uma curva infinitamente complexa. Não se trata então de apagar os contornos, mas de dobrá-los, adensá-los, enviesá-los, irisá-los, fractalizá-los. (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p. 28)

Ora, se é verdade que as instâncias de legitimação crítica pós-coloniais tem determinado o surgir de leituras parciais e ideológicas do romance de Achebe, é também verdade que é graças a este campo crítico que autores e textos institucionalmente inscritos nas chamadas *Literaturas do Terceiro Mundo*⁶ passam a ocupar posições centrais em termos de legitimação institucional bem como de recepção em geral, determinando um alargamento substancial dos cânones estéticos e literários em escala global, e colocando-se na perspectiva de “experiências divergentes” (SAID, 1993), representações *contrapontuais* (SAID, 1993) indispensáveis para uma prática crítica capaz de corresponder às ainda inúmeras demandas de descolonização de imaginários culturais e políticos da contemporaneidade. Por outras palavras, como salientava Neil Lazarus, no começo dos anos 2000, é impossível hoje em dia ler e ensinar literatura sem dar conta do descentramento e do alargamento que (re)configura o chamado cânone literário em escala global:

The last quarter of the twenty-century has borne witness to a profound decentering of the dominant traditions of the literary world. This transformation has been registered at all levels — reading, writing, publishing, and criticism — including at the highest levels of institutional consecration. Thus, while no African writer had won the Nobel Prize for Literature before the mid-1980, four have done so since then — Whole Soyinka (1986), Naguib Mahfouz (1988), Nadine Gordimer (1991), and J. M. Coetzee (2003). [...] To read, teach or write about

6 Refiro-me aqui à designação de origem anglófona, institucionalmente nos anos 1970 e 1980, de *Third World Literatures* posteriormente transformada em *Commonwealth Literatures*.



contemporary literature today is inevitably to feel this decentring. (LAZARUS, 2004, p. 13-14)

Ora, este trabalho de “provincianização” (CHAKRABARTY, 2000) do cânone literário e crítico *ocidental* — isto é, parafraseando a célebre designação de Stuart Hall, o *Ocidente* e o *resto* (1996) — e logo o alargamento das experiências estéticas e críticas da contemporaneidade — onde o campo crítico pós-colonial teve incontestavelmente uma papel fundamental — não parece terminar com a afirmação e a consagração de autores e textos alheio a um cânone geograficamente circunscrito e *ex-clusivo*, mas permanece necessário no âmbito de uma reflexão situada e simultaneamente “mundana” (SAID, 2004) que aprofunda e *dobra* as leituras que pautam as diversas abordagens e comunidades interpretativas, apontando para uma prática crítica que encontra no seu constante questionamento, ou melhor, *numa permanente crise conceitual* — isto é, *filosófica* — a marca da sua pertinência epistemológica e política. Uma *dobra crítica e conceitual* indispensável para que o gesto crítico pós-colonial renove os seus significados emancipatórios no que concerne à crítica as literaturas africanas, desmarcando-se de epistemologias essencialistas assombradas por *localismos celebratórios* que mais de que mostrar o agenciamento político das experiências culturais e dos seus significados contemporâneos, (re-)colocam o *outro* fora do espaço e do tempo e, logo, do mundo e da história.⁷ Neste sentido, voltando à reflexão sobre *restos pós-coloniais* convocada na abertura deste artigo, é pertinente convocar o artigo que Ato Quayson apresenta em resposta aos texto de Robert Young. Centrando a sua reflexão nos “Suspiros da História” — “The Sighs of History” (QUAYSON, 2012) — Quayson detém-se na questão do espaço e do tempo como constelações conceituais determinantes para que a crítica literária pós-colonial torne evidente a sua pertinência teórica e política sobretudo no que diz respeito às dimensões histórica e espacial através das quais a literatura *significa* o seu valor “epistemológico” (GARCÍA CANCLINI, 2012) para agir e pensar a contemporaneidade. Neste sentido, afirma Quayson:

In other words, we require a historiographical framework augmented by an active sense of imperial and colonial residues for properly grasping the past and its impact upon the present. And this historiographical framework cannot be expected to come from those who would benefit from obscuring the continuing force of inequality and its ultimate traceability to things past. Furthermore, effective history, as a mode of continuing inquiry within postcolonial studies, cannot be separated from the task of integrating a grasp of the mutual imbrication of history’s temporalities and their concomitant and intertwined spatialities. The inherent and necessary link between the two categories has in many ways always been present in postcolonial studies without being fully acknowledged as an active principle of organizing the field in the “face of history,” to echo the title of a short story by the inimitable Senegalese filmmaker Sembène Ousmane translated in the early 1970s. (QUAYSON, 2012, p. 361)

O *pesadelo da história* — grande empedimento nos debates que pautam a reflexão sobre práticas e teorias pós-coloniais (BRUGIONI, 2016) — articula-se, de acordo com Quayson, com uma perspectiva espacial forçosamente produzida pela própria dimensão colonial e por isso indiscernível do mesmo gesto crítico pós-colonial, apontando deste modo para duas problematizações matriciais nos chamados estudos pós-coloniais literários:

If postcolonialism is necessarily tied to the colonial due to the simultaneous temporal and discursive framing of the field, it is the entire domain of colonial space making and its aftereffects in the contemporary world that gives postcolonialism continuing relevance today. (QUAYSON, 2012, p. 365)

⁷ Refiro-me aqui a um certo *localismo nativista* que me parece marcar algumas das teorizações que se inscrevem no que tem vindo a ser definido como viragem *descolonial* (MIGNOLO, 2010) apontando para leituras e abordagens interpretativas assombradas por novas *dicotomias* e pelo dilema do *exotismo*.

Ora, pensando, por exemplo, no campo das chamadas Literaturas Africanas de língua portuguesa e, mais em geral, nos debates que pautam a reflexão pós-colonial sobre textos e contextos de língua oficial portuguesa, torna-se impossível não reparar na revisão profunda e renovadora que o gesto crítico pós-colonial tem desempenhado no trabalho de reflexão crítica sobre *império* e *pós-colónia* (MBEMBE, 2001) numa perspectiva cultural e literária, apontando para uma (re)visão crucial no que concerne aos paradigmas críticos através dos quais são lidas e situadas criticamente as escritas literárias de países como, por exemplo, Angola e Moçambique para além de uma (re)configuração profunda de abordagens, autores e problemas — isto é do cânone — que pautam a própria literatura portuguesa.⁸

Ressalvando uma diferença de escala com respeito aos contextos de língua inglesa — absolutamente hegemónicos no que concerne as dinâmicas de legitimação e projeção a nível global — é contudo de ser notar o fenómeno de afirmação e, por conseguinte de *estigmatização não-articulada* que acompanha por exemplo a consagração em escala global de um autor como Mia Couto. Embora quantitativamente distinto do caso de Chinua Achebe, a recepção global da obra de Mia Couto parece sofrer de processos análogos, onde o papel das abordagens pós-coloniais — de pendor *conciliatório* — se torna central e predominante. Por ser tratar de uma obra imediatamente legível por via dos corolários críticos do *hibridismo* e do *realismo mágico* — isto é, aberta e *genuinamente* pós-colonial — o pós-colonial como instância de legitimação crítica tem contribuído de uma forma decisiva para a disseminação da obra de Mia Couto em escala global, determinando, ao mesmo tempo, o surgir de empasses e problemáticas a meu ver próximas das ambiguidades que pautam a recepção de Chinua Achebe. No entanto, apesar dos equívocos de que o *hibridismo absoluto* determina nas leituras da obra de Couto, sobretudo por desarmar o significado político contido e apontado na obra deste autor (BRUGIONI, 2012) — e determinando o surgir daquilo que pode ser definido como *pós-colonial celebratório* — não será por isso de se descartar a validade do gesto crítico pós-colonial contido e apontado pela obra de Mia Couto, cuja escrita incorpora uma complexificação profunda dos debates teóricos no âmbito da crítica às Literaturas Africanas contemporâneas, proporcionando uma (re)definição dos mesmos paradigmas críticos e das epistemologias que pautam a crítica pós-colonial. Por outras palavras, apesar de impulsionado por algum modismo teórico (MATA, 2012), de mostrar alguns “pontos cegos” (MEDEIROS, 2006) também determinados pelo seu próprio sucesso (SOUZA RIBEIRO, 2012), o pós-colonial parece permanecer um *gesto crítico* capaz de proporcionar aquele tão imprescindível trabalho de *vigilância* e *autocrítica* de que a prática humanística não pode, em rigor, prescindir, contribuindo, no que diz respeito ao campo da crítica às Literaturas Africanas, para um *adensamento* conceitual e teórico, a meu ver, tão significativo quanto necessário, indiciando o surgir de outros itinerários críticos para ler e situar a literatura e os seus significados políticos nas *dobras* das diversas *situações pós-coloniais* em que todas e todos, de formas diferentes, vivemos.

8 Veja-se, a este propósito, o crescente número de estudos sobre literaturas de língua portuguesa — em sentido lato — que, a partir do início/meados dos anos 2000 se situam no campo da crítica pós-colonial. A nível apenas de exemplo e dentro de um corpus vasto e diversificado, veja-se: Leite, 2003; Medeiros 2007, Ribeiro, 2004, Sanches, 2006. A partir da primeira década de 2000, assiste-se a uma proliferação significativa de abordagens pós-coloniais, sobretudo dentro da nova geração crítica, no que diz respeito por exemplo às literaturas africanas de língua portuguesa, apontando para uma evidente dinâmica de afirmação do gesto crítico pós-colonial que, no entanto, no caso da academia portuguesa, não beneficia todavia da mesma consolidação a nível institucional que caracteriza os contextos académicos de língua inglesa. Para uma leitura das disputas que marcam hoje a teorização pós-colonial nos espaços de língua portuguesa veja-se Santos, 2013.



Referências

- ACHEBE, Chinua. **Things fall apart**. London: Heinmann, 1958.
- AHMAD, Aijaz. **In theory: classes, nations, literatures**. London and New York: Versus, 1992.
- _____. The Politics of Literary Postcoloniality. **Race & Class**. v. 36, n. 3, p. 1-20, 1995.
- AHMED, Sara. **Strange encounters: embodied others in post-coloniality**. New York: Routledge, 2000.
- BALANDIER, George. Préface. In: SMOUTS, M-C. (Org.). **La situation postcoloniale**. Paris: Presses de Sciences Po, 2007
- BHABHA, Homi K. **The location of culture**. London: Routledge, 1994.
- BRUGIONI, Elena. O pesadelo da história. Romance histórico, literaturas africanas e pós-colonialidade. In: MATA, Inocência; GARCÍA, Flávio (Orgs.). **Pós-colonial e pós-colonialismo: propriedades e apropriações de sentido**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016. p. 88-106.
- _____. **Mia Couto**. Representação, história(s) e pós-colonialidade. Vila Nova de Famalicão: Húmus Edições-CEHUM, 2012.
- _____. Contiguidades ambíguas. Crítica pós-colonial e literaturas africanas. In: LEITE, Ana Mafalda; CHAVES, Rita; APA, Livia; OWEN, Hilary (Orgs.). **Nação e narrativa pós-colonial I – Angola e Moçambique: Ensaios**. Lisboa: Colibri, 2012. p. 379-394.
- CABRAL, Amílcar. **Documentário** (Textos políticos e culturais). Lisboa: Cotovia, 2008.
- CHAKRABARTY, Dipesh. **Provincializing Europe**. Postcolonial thought and historical difference. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- CHIBBER, Vivek. **Postcolonial theory and the specter of capital**. London: Verso Books, 2013.
- DELEUZE, Gill; GUATTARI, Felix. **Mille piani**. Capitalismo e Schizofrenia. Roma: Catelvecchi, 2006.
- _____. **Kafka**. Per una letteratura minore. Macerata: Quodlibet, 1996.
- DERRIDA, Jaques. **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- DURING, Simon. Postcolonialism and globalisation: a dialectical relation after all? **Postcolonial Studies**, v. 1, n. 1, p. 31, 1998.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **A sociedade sem relato**. Antropologia e Estética da iminência. São Paulo: EDUSP, 2012.
- GARUBA, Harry The Critical Reception of the African Novel. In: IRELE, Abiola F. (Ed.). **The Cambridge companion to the African novel**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 243-262.
- _____. The *African imagination*: postcolonial studies, canons, and stigmatization **Research in African Literatures**, v. 34, n. 4, p. 145–149, 2003.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 80, p. 115-147, 2008.

HALL, Stuart. The West and the rest: discourse and power. In: HALL, S. [et al.] (Orgs.). **Modernity: introduction to the modern societies**. Oxford: Blackwell, 1996. p. 185- 227.

HASSAN, Saleh D. Canons after ‘postcolonial studies’. **Pedagogy: critical approaches to teaching literature, language, composition, and culture**, v. 1, n. 2, p. 297-304, 2000.

HUGGAN, Graham. **The postcolonial exotic**. Marketing the Margins. London and New York: Rutledge, 2001.

IRELE, Abiola F. (Ed.). **The Cambridge companion to the African novel**. Cambridge: CUP, 2009.

_____. **The African imagination: literature in Africa and the black diaspora**. Oxford: Oxford UP, 2001.

LAZARUS, Neil; VARMA, Rashmi. Marxism and Postcolonial Studies. In: BIDEF, Jacques; KOUVELAKIS, Stathis (Eds.). **Critical companion to contemporary marxism**. Leiden: Brill, 2008. p. 309–32.

LAZARUS, Neil (Eds.). **The Cambridge companion to postcolonial literary studies**. Cambridge: CUP, 2004.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais**. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

MATA, Inocência. **A literatura africana e a crítica pós-colonial – reconversões**. Manaus: UEA Edições, 2013.

MBEMBE, Achille. **On the postcolony**. Berkeley: University of California Press, 2000.

MEDEIROS, Paulo de (Ed.). **Postcolonial theory and lusophone literatures**. Utrecht: Portuguese Studies Series, 2007.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MUDIMBE, Valentim. **The invention of Africa**. Gnosis, philosophy, and the order of knowledge. Bloomington: Indiana UP, 1988.

PARRY, Benita. A Retrospect on the Limits of Postcolonial Studies. **CounterText**. v. 1, n. 1, p. 59–75, 2015.

_____. What is Left in Postcolonial Studies? **New Literary History**, v. 43, n. 2, pp. 341-358, 2012.

_____. Problems in Current Theory of Colonial Discourse. **Oxford Literary Review**, v. 9, n. 1-2, p. 27-58, 1987.

QUAYSON, Ato. The Sighs of History: Postcolonial Debris and the Question of (Literary) History. **New Literary History**, v. 43, n. 2, p. 359-370, 2012.



RIBEIRO, Margarida Calafate. **Uma história de regressos, império, guerra colonial e pós-colonialismo**. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

SAID, Edward W. **Culture and imperialism**. New York: Vintage Books, 1993.

_____. **Orientalism**. New York: Vintage Books, 1979.

SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). **Portugal não é um país pequeno**. Contar o império na pós-colonialidade. Lisboa: Cotovia, 2006.

SANTOS, Emanuelle. O pós-colonial entre Norte e Sul: formulações teóricas, implicações políticas na batalha pela 'arma da teoria'. **Configurações**, v. 12, 2013. Disponível em: <http://configuracoes.revues.org/2077>. DOI: 10.4000/configuracoes.2077

SHOHAT, Ella & Robert Stam Whence and whither postcolonial theory. **New Literary History**, v. 43, n. 2, p. 371-390, 2012.

SPIVAK, Gayatri C. **A critique of postcolonial reason: toward a history of the vanishing present**. Harvard: Harvard University Press, 1999.

_____. **Outside in the teaching machine**. New York: Routledge, 1993.

_____. Theory in the Margin: Coetzee's *Foe* Reading Defoe's *Crusoe/Roxana*. In: ARAC, John; JOHNSON, Barbara (Eds.). **Consequences of theory**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991. p. 154-180.

SOUSA RIBEIRO, António. Vítima do próprio sucesso? Lugares Comuns do Pós-colonial. In: BRUGIONI, Elena [et al.] (Orgs.). **Itinerâncias**. Percursos e Representações da Pós-colonialidade | **Journeys**. Postcolonial trajectories and representations. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2012. p. 39-47.

STOLER, Ann Laura. **Duress**. Imperial durabilities in our time. Durham and London: Duke University Press, 2016.

YOUNG, J. C. Robert. Postcolonial Remains. **New Literary History**, v. 43, n. 1, 19-42, 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**. Elementos para uma antropologia pós-estrutural. **São Paulo**: Cosac Naify, 2015.

ABSTRACT:

Addressing the debate concerning the death of the postcolonial, this article aims at considering the blind spots and the potentiality of the postcolonial as a critical gesture able to renovate the meanings of contemporary literary representations underlining, its enduring and inevitable crises, theoretically situated within the conceptual framework of remains and turns.

KEYWORDS: *folds; turns; remains; postcolonial critique; African literatures.*

RESUMEN:

A partir del debate sobre la muerte del postcolonial, este texto pretende repensar los impases y las potencialidades del postcolonial en tanto que gesto crítico capaz de renovar los sentidos de la representación literaria en la contemporaneidad por vía de su inevitable y constante crisis teórica, conceptualmente situada en la dimensión del resto y del pliegue.

PALABRAS CLAVE: *pliegues; vueltas; restos; crítica postcolonial; literaturas africanas.*

